

Nada é mais pacífico desejar tudo o que se vê; acreditar em tudo que se ouve; dizer tudo o que se sabe; e fazer tudo o que se pode.

ANO V - N.º 138

OUTUBRO

20

1957

A Voz de Loulé



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadiim, 30-1.º Esq.
Telefone 154 FARO

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSE MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216 LOULÉ

QUARTEIRA, a praia de Loulé

III

Uma vez que o nosso amigo sr. Dr. A. de Sousa Pontes, ilustre Presidente da Junta de Turismo teve a condescendência de responder a Reporter X e nas suas considerações disse «do que desejava fazer e daí que se não fez», vamos intercalar na série de artigos que, sobre Quarteira e o seu progresso vimos fazendo, algumas deduções sobre os aspectos abordados. Não nos move espírito de polémica ou de crítica mordaz nem o desejo de adormecer vontades, mas exactamente o propósito de despertar nos louletanos e nos responsáveis pelas coisas de Quarteira, energias para uma maior acção realizadora, mais objectiva real, concreta e menos emotiva e sentimental.

Iluminação. A Junta de Turismo, que, por deturpamento de funções, explora o problema do fornecimento da energia eléctrica deveria dirigir-se à CEAL e propor-lhe a distribuição em baixa tensão, durante um prazo a concessionar, livrando-se de encargos e preocupações que hoje têm e ilaquiam asua receita e a sua actividade.

Não acreditamos, sem nos mostrarem números, que a exploração da luz não é deficitária. Pelo menos, em qualidade e em número de horas, é bastante deficitária para o veraneante que não pode ter um ferro de engomar, um frigorífico ou um aparelho a funcionar fóra das horas que a Junta de Turismo entende serem as mais convenientes.

Se, em vez de se ter pedido à CEAL condições para o fornecimento de energia em alta tensão, se lhe tivesse proposto o fornecimento e distribuição de energia em baixa tensão, talvez o problema da luz de Quarteira, estivesse resolvido, sem termos de sofrer racionamento de energia e de a pagarmos a \$800 por quilo-volt.

Sendo a CEAL a tomar conta da distribuição, seria à Câmara que competia o encargo da luz pública e talvez — se as clausulas da concessão fossem bem es-

Contrastes

Diz-se, e com razão, que se não fossem os contrastes que a vida apresenta, a monotonia e o tédio acabariam por liquidar estes milhões de bipes pensantes que habitam este mundo de duas luas...

No entanto, há contrastes ou contradições que excedem todos os limites de quanto seja lícito admitir à inteligência do homem.

Não vemos nós os nossos amigos americanos com a maleta das suas igualdades democráticas indiscriminadas para qualquer meio ou latitude, andarem a correr mundo e a promover, por todo a parte, e em especial na África negra a «emancipação» de todos os povos, a interferir em territórios de países que, antes de eles deixarem de ser aglomerados de ranchos, já eram gente, para lhes desintegram populações de discutível maturidade política sob o pretexto, de anti-colonialismo e em homenagem à auto-determinação dos povos?

E com gente dessa, sen-

tam-se em pé de igualdade nas mesas da ONU.

Entretanto... enquanto adotam as suas «melodias» e as suas danças rock and rollianas... em Little Rock opõem-se a que frequentemente o liceu de brancos jovens negros, por ventura nascidos no meio e tão afeitos a este como eles, só porque são negros.

E vão aos de cabo, até ao espancamento dos estudantes de côn.

Por isso bem observado foi pelo diplomata búlgaro ao sr. Gunawardene, representante do negro Ceilão da ONU e um dos signatários do relatório em que se proíbe o procedimento dos russos na Hungria:

— V. Ex.º subscreve o documento, mas olhe que aqui na livre, na civilizada e na democrática América, não o aconselha a passar por Little Rock, pois talvez lhe fizesse o mesmo.

Não há contrastes que são mesmo a negação de inteligência do bipe pensante?

FUTEBOL NO ALGARVE

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO
OLHANENSE, 2 CORUCHENSE, 3

Mercida vitória do Coruchense que, arrancada aos 37 minutos do final.

A tática de jogo adoptada pelo Olhanense desde início desta vez não resultou eficaz!!!

Magnífica exibição de José Maria, guarda-redes do Coruchense e arbitragem parcial favorável ao Olhanense, são as notas curiosas do encontro Olhanense-Coruchense, realizado nodia 13 em Olhão, sob a arbitragem do sr. Hermínio Soares, de Lisboa.

OLHANENSE — Abade; Alfredo e Nunes; Poeira, Fonte Santa e Reina; Costa, Parra, Ângelo (ex-Luzitano de Évora), Cava e Silvio.

CORUCHENSE — José Maria; Faustino e Luiz António; Isabellina II, Bailão e Alfredo; Isabellina I, Rocha, Manuel Jorge, Manoia e Foguete.

O jogo desenvolveu-se nos dois campos em igualdade de circunstâncias, sendo o Coruchense quem mais vezes pôz em perigo as redes de Abade, no seu primeiro tempo; Assim, aos 19 minutos Nunes, pretendendo passar a bola ao seu guardião fe-la em tão más condições que Isabellina I, não hesitou em anichá-la nas redes do Olhanense, marcando, por consequência, a 1.ª bola para a sua equipa. Aos 35 minutos, com o Coruchense ao ataque, passes largos, dadas as condições do campo um pouco enlameado, Manuel Jorge, sempre atento, alterou o marcador para 2-0, resultado com que terminou o encontro.

Aos 41 minutos, sem podermos descriturá-lo as razões, o senhor árbitro mandou marcar grande penalidade (penalty) contra o

Coruchense que, marcado por Parra, José Maria defendeu bravamente.

No 2.º meio tempo o Coruchense remeteu-se à defesa (um mau hábito que nem sempre traz vantagens, pois é reconhecer inferioridade perante os adversários) e, é claro, o Olhanense, como aliás tem decorrido durante todo este campeonato, procurou atacar, no sentido de modificar o resultado; com o árbitro a facilitar-lhe essa tarefa decorrida um minuto, dessa vez por falta inexistente, o senhor árbitro com passmo para todos os presentes manda marcar novo (penalty) contra o Coruchense; novamente José Maria, revelando grande classe, defendeu com categoria, a marcação desta vez efectuada por Ângelo. O Coruchense, como qualquer outro clube, sentiu-se abalado moralmente, destas decisões do árbitro e o Olhanense aproveitando a «chance» aos 13 minutos conseguiu o seu 1.º golo, para aos 24 minutos, igualar o resultado. Então o Coruchense, vem outra vez ao ataque e, coisa curiosa, já não se via o Olhanense em campo, em resultado da fatiga dissipada para conseguir os 2 tentos, tendo o Coruchense marcado, por intermédio de Manuel Jorge o golo da vitória, aos 37 minutos.

O Olhanense ainda trabalhou para igualar o resultado, mas foram infrutíferos os seus esforços; o árbitro vendo que o Olhanense criava perigo nos últimos segundos, consentiu, sem qualquer justificação, que o encontro decorresse para além do tempo normal e o ultrapassasse em 2 minutos,

(Continuação na 2.ª página)

Comunicado

A Comissão Concelhia da União Nacional comunica ao eleitorado do concelho que, no próximo dia 3 de Novembro, se realizam as eleições para deputados à Assembleia Nacional.

Votar na lista proposta ao sufrágio pela U. N. é um dever de todos quantos amam a paz e a ordem, bens inestimáveis que o génio político de Salazar soube conquistar para os portugueses.

Votar na lista da U. N. é assegurar a continuação da grande obra de ressurgimento em curso, sob a égide de Craveiro Lopes e Salazar.

Votar na lista da U. N. é uma dádiva de gratidão, a tributar por todos os bons portugueses, aos obreiros do grande prestígio que Portugal goza hoje no Mundo.

Portanto a Comissão Concelhia da União Nacional confia em que o eleitorado louletano, de ambos os sexos, no dia 3 de Novembro de 1957, cumprirá, com civismo e fé como sempre tem feito, o dever de votar.

Escola Industrial e Comercial de Loulé

Agora que esta Escola é uma realidade, parece-nos oportuno dar a conhecer ao leitor do nosso concelho quais são as profissões que dentro dele, pelo seu maior número, requerem o adastramento dos trabalhadores.

Quando, 1950, se procedeu ao recenseamento da população, todos os que tinham uma profissão a declararam, e assim se verificou que de entre os 51.006 habitantes que então existiam naquele ano, foram 18.407 os que declararam possuí-la.

Ora, destes 18.407 profissionais, 12.924, ou seja 70% declararam que se dedicavam às profissões de agricultura, silvicultura e pecuária.

Dos restantes 5.483 profissionais dedicavam-se, em 1950, à pesca, 841, às indústrias transformadoras, 1916, ao comércio e seguros, 822, à construção e obras públicas, 546, aos transportes e comunicações, 307, às indústrias extractivas 3, e aos serviços de administração pública, de interesse geral e pessoais, 1.048.

Se fizessemos o mesmo cálculo para os concelhos vizinhos de Alportel e Albufeira com, respectivamente, 3.574 e 6.054 profissionais cada, ver-se-ia que cerca de 94% deles podiam ter parte do seu rendimento profissional melhor aproveitado pelos ensinamentos das Escolas Técnicas.

Lia-se na notícia da recente manifestação de agradoamento ao governo da Nação do povo de Torres Vedras, pelo motivo da criação da sua Escola Industrial e Comercial, que um industrial bastante conhecido no País, proprietário da casa Hipólito, declarou «sempre ter sentido a necessidade desta Escola para preparação de operários, de forma a poder fazer a competição com o estrangeiro. E falava assim, como filho de operário que se orgulha de ser».

Na verdade, entre nós, ainda se verifica que há quem tenha vergonha de ser operário. Não sucede assim, por exemplo, nem na América do Norte nem na Suíça, países de nível económico e social superior ao do português. Entre nós ainda se verifica que muitos alunos das Escolas Técnicas apenas tiram o diploma do Ensino Comercial para ingressar no funcionalismo público, ou

Na nossa província, porém, parece não se pensar deste modo, pois se compararmos a frequência dos liceus e colégios liceais com a das Escolas Técnicas algarvias, em 1953/54, verifica-se que existiam 16 dos primeiros estabelecimentos e 4 dos segundos. O número de alunos existentes eram, respectivamente, 1.892 e 1.822. Mas havia um facto a ressaltar: é que enquanto o aproveitamento escolar dos alunos dos liceus era de 36%, o do ensino técnico elementar era apenas de 19%, o que parece dizer, quanto a nós, que muitos destes alunos, com conhecimentos comerciais ou industriais incompletos, obtiveram mais depressa emprego, do que os alunos dos liceus, cujo emprego só vem, normalmente, depois de terminado o curso superior.

Já hoje muitos pais se convencem da superioridade dos cursos industriais. Porém, como dizia não há muito tempo no Parlamento um deputado que também é reitor de liceu, é preciso radicar na opinião pública, que têm de ser as Escolas Técnicas que hão-de contribuir para o aperfeiçoamento e eficiência da nossa armadura industrial, agrícola e comercial, mas que convinha aumentar a eficiência desse ensino, em primeiro lugar, e modificar a mentalidade dos alunos e das respectivas famílias, em relação ao aproveitamento profissional.

Ainda se verifica que há quem tenha vergonha de ser operário. Não sucede assim, por exemplo, nem na América do Norte nem na Suíça, países de nível económico e social superior ao do português. Entre nós ainda se verifica que muitos alunos das Escolas Técnicas apenas tiram o diploma do Ensino Comercial para ingressar no funcionalismo público, ou

(Continuação na 2.ª página)

Engenheiro J. M. Farrajota Cavaco

A fim de orientar os estudos para modernização de instalações industriais na ilha de S. Miguel, parti para os Açores num avião da P.A.A. o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Engenheiro José Maria Farrajota Cavaco, director do Centro Consultivo Químico Industrial, Ltd., de Faro.

Postal de Faro

A cidade vive de novo! Deixou o torpor a que os meses célicos a condenaram, para buligosa e simpática se agitar e crescer, como se uma seiva juvenil e activa pululasse no seu âmbito. Com Outubro, voltaram as aulas e a alegria — aquela que só a gente moça sabe criar — uma alegria plena, sã, contagiosa!!

Vive-se! Os tons bronzeados são o certificado e a praia o pretexto para em comum recordar os tempos que passaram nas auríferas areias da praia e na contemplação do bailado fantástico das argenteas ondas. Ei-los pelos cantos, na confusão das origens, irradiando para os ares, a vibração da sua juventude, por entre garrulhas estridentes.

A cidade recebeu-os com as galas dum sol primaveril, dando as boas vindas com a oferta de cenário citadino para a consecução dos seus projectos, numa atmosfera onde há uma mensagem de felicidades.

Faro, 7/Out./57
João Leal

1957

Assinaturas em atraço

A todos os nossos prezados assinantes que, por qualquer motivo, se encontram atraçados com o pagamento de «A Voz de Loulé» encarecidamente pedimos que actualizem as suas assinaturas para suavizar as nossas dificuldades pois que, as demoras e as devoluções de recibos, estão tornando insustentável a manutenção deste jornal.

Esta circunstância, conjugada com o grande prejuízo que a passagem para semanário nos está acarretando, obriga-nos a passar este jornal novamente para quinzenário, no princípio do novo ano e por isso temos necessidade de ver todas as assinaturas arrumadas antes dessa data.

O presente número

Por que o editor do nosso jornal não pôde tratar de quaisquer assuntos durante os dias em que a gripe «asiática» o reteve no leito, sai o presente número somente com 2 páginas, o que muito lamentamos, mas que de maneira nenhuma podemos evitar. Que os nossos prezados assinantes nos desculpem, assim como o atraço.

RAFFLANBAUL

A máquina que está revolucionando a Indústria de Calçado em Portugal
UMA MARAVILHA DA TÉCNICA ALEMÃ!

Convidamos os senhores INDUSTRIAS DE CALÇADO DE LOULÉ a uma visita à
II EXPOSIÇÃO TÉCNICA DE CALÇADO

onde estarão em pleno funcionamento, de 21 a 27 de OUTUBRO
no novo Palácio de Cristal, do Porto, os diversos tipos de máquinas

RAFFLANBAUL

que executam com incrível rapidez e perfeição, todas as operações de manufatura de calçado

Quem estiver interessado em acompanhar o progresso de tudo o que se relacione com a indústria de sapataria, não deve perder esta excelente oportunidade de verificar CONCRETAMENTE as enormes vantagens económicas de mecanização do fabrico de calçado, pois só assim é possível competir com a concorrência actual.

Máquinas REFFLANBAUL para palmilhar, pontear, facetar e para todos os acabamentos

Para informações detalhadas consulte o AGENTE GERAL NO ALGARVE

JOÃO MARTINS RODRIGUES

21 — Rua Vice-Almirante Cândido dos Reis

23

Telef. 246

LOULÉ

«Loulé... em retrato»

No «Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António e da distinta direcção do dinâmico jornalista José Barão, nosso querido amigo, fez-se uma transcrição de «Loulé... em retrato», a propósito do que escrevemos no penúltimo número sobre a «Escola Técnica de Loulé», quando dissemos que achávamo poucos os alunos inscritos, em determinada altura.

Não conhecem aqueles amigos que os louletanos precisam, muitas vezes de ser desafiados ou reptados no seu brio, para se conseguirem reacções violentas...

E da local publicada no mesmo lugar e no último número, já havia de ter visto como os louletanos reagiram, brilhantemente, aliás como sempre, inscrevendo-se em número superior ao necessário para o funcionamento de duas turmas!

Mas a intenção com que «O Jornal do Algarve» fez a transcrição e comentário, não foi no melhor sentido deontológico mas deixando evoluir um subtil gemitismo de despeito, pela criação da escola de Loulé, ao oferecer a colaboração de uma centena de rapazes de Vila Real, como reflexo de frequência.

Ora isto, ainda que geograficamente fosse possível, hipótese que o comentarista salvaguarda, seria contrariado por várias outras razões que não nos abstêm de esclarecer.

A Escola Técnica de Loulé, não vem ajudar um meio industrial como Vila Real de Santo António, pois tem uma função especial que, para ali, não servia. Vem especificamente para promover o desenvolvimento e aperfeiçoamento cultural do maior centro de artesanato do Algarve.

Talvez até e em relação ao trabalho de obra de palma — agora em pleno florescimento, merece da exportação para o estrangeiro — poderemos dizer, único em Portugal.

Para não alongar a lista dos artesãos de Loulé, que vão melhorar a sua cultura referiremos apenas os de calçado (Loulé é a sede do Sindicato dos Sapateiros do Distrito), de olarias, de construção Civil (de que já teve Delegação do Sindicato), de artigos de cobre, da obra de pita e esparto, dos tecidos de juta de algodão, das mantas de lã e de trapo, da apanha da cortiça, do curtimento de peles e tantas outras em que se consubstancia a actividade fabril de tantos artífices habilidosos.

Mas, se não bastasse este fim quase exclusivo de preparação

de rapazes para o artesanato local, poderíamos referir que ainda havia o recurso de deslocar para a Escola de Loulé, as duas centenas de alunos que, das freguesias do sul — Boliqueime e Almancil — frequentam e, certamente, continuarão a frequentar a escola de Faro, por disporem de transporte ferroviário acessível e barato para aquela cidade.

Já vê o colega que Loulé não precisa do reforço dos rapazes de Vila Real para a frequência da sua escola Técnica, pois que com características tão diferentes e distintas das aptidões a que se consagram nos meios locais, certamente surgiriam desacordos e desinteligências entre eles.

Outro ponto debatido no «Jornal do Algarve» é o da construção do Aeroporto do Algarve, problema de alto interesse, a que já temos consagrado extensas colunas e estamos prontos para mais lhe consagrar.

Mas não nos parece justo atribuir a qualquer localidade algarvia o malogro das diligências, há anos levadas a efecto, com a acusação de que, por espírito de visão acanhados, na expressão de um bairrismo desenfreado e cego, houve quem quizesse ver os aviões passarem à porta.

Nem sequer a localização do Aeroporto foi discutida ou contrariada por qualquer terra algarvia. Estabeleceu-se, julgamos que por escolha dos respectivos serviços, perto da Quinta do Ludo e os, que seria no Campo da Aranquinha levantou reparos por esse facto.

Algumas câmaras reagiram e não foi só uma, como se pretendeu fazer crer posteriormente contra o pesado encargo que teria de contrair para a compra do terreno e que não era tão pequeno quanto o simbolismo que o «Jornal do Algarve» lhe pretendia atribuir. Algumas havia a quem cabia o encargo de duas e mais centenas de contos.

E posta em termos claros a história do «porque se não fez», vamos esquecer «água passada» e fazer coro comum com o nosso ilustre colega, pelo conseguinte desse indiscutível e incalculável empreendimento.

Não há pois que recuar que se levantem vozes discordantes nem questões bairrísticas, que possam perturbar tão grande e notável aspiração algarvia.

REPORTER X

CRIADA

De 30 a 35 anos, para todo o serviço. Honesta, que saiba cozinhar e goste de crianças. Para servir em Lisboa, em casa particular, pagando-se bom ordenado. Exigem-se boas informações. Desnecessário responder quem não estiver nas condições exigidas.

Nesta redacção se informa.

Propriedades em Lagoa

Arrendam-se 2 propriedades (sendo uma irrigada), com arvoredo, vinha, terra de semear, casa de habitação, ramada, cisterna, etc..

Tratar até ao fim de Outubro na Avenida Marçal Pacheco, 37 — Telefone 211 — Loulé.

Informa Rua Martim Faro, 30 — LOULÉ.

VENDE-SE

Uma propriedade sita em Vale Lobos (freguesia de Almancil) com figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras e vinha.

Tratar na Sapataria Garrocho — Loulé.

Propriedades

Vendem-se 2 propriedades no sítio da Nave (freguesia de Alte), com boa terra de semear, alfarrobeiras, amendoeiras, oliveiras, figueiras, etc..

Pom motivo de ausência do proprietário, tratar com Amadeu Pedro da Cruz — Loulé.

Ao comércio

Contabilista, monta, segue e actualiza escritas em atraço, balanço, assistência técnica, etc..

Informa Rua Martim Faro, 30 — LOULÉ.

II EXPOSIÇÃO

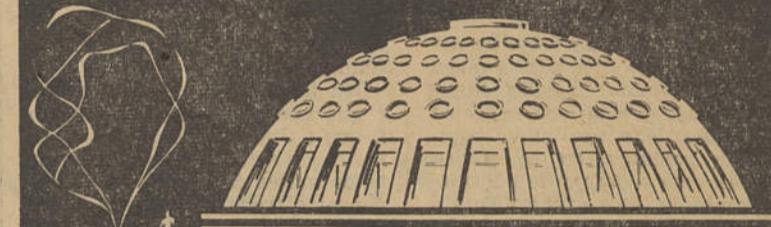
TÉCNICA DE CALÇADO



NO NOVO PALÁCIO DE CRISTAL • PORTO • DE 21 A 27 DE OUTUBRO DE 1957



TODOS OS SRS. INDUSTRIAS INTERESSADOS EM EXPOR OS SEUS PRODUTOS, PODER SE ÁO DIRIGIR AOS SERVIOS ADMINISTRATIVOS DA II EXPOSIÇÃO TÉCNICA DE CALÇADO QUE FUNCIONAM NO NOVO PALÁCIO DE CRISTAL, TODOS OS DIAS DAS 9 ÁS 13 E DAS 14,30 ÁS 18 HORAS • TELEFONE, 27369



Grande baixa de preços

em banheiras, louças sanitárias e outras

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Azulejos brancos a \$85

JOÃO DE OLIVEIRA

Av. Marçal Pacheco — Loulé

FUTEBOL

(Continuação da 1.ª página)

altura em que Manuel Jorge, apontou um passe e sózinho em frente de Abade, poderia ter marcado o 4.º golo para o Coruchense.

Concordamos inteiramente que os senhores árbitros devem aplicar livremente as suas decisões pois de contrário não resultaria a sua acção em campo, mas, dado a que tais decisões muitas vezes poderão contribuir para um resultado contrário daqueles que se passa no rectângulo do jogo, seria de toda a conveniência que os seus actos fossem fiscalizados por um técnico competente, incógnitamente, presente em cada desafio, para que, em caso de castigos ou recursos, em última análise, ser ouvido sobre o relatório do senhor árbitro.

O Farense, contrariamente ao que se esperava, conseguiu uma vitória, em Lisboa, sobre o Arroios, por 2-1.

O Portimonense, saiu vencedor por 3-0 contra o União de Montemor.

O Louletano no desafio-treino que realizou, no mesmo dia, com as reservas do Farense, reforçado com alguns elementos do seu 1.º time, deixou-se vencer por 1-0.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	J	V	E	D	P
Farense	6	5	—	1	10
Portimonense	6	5	—	1	10
Olhanense	6	4	—	2	8
Montijo	6	3	1	2	7
Atlético	6	3	1	2	7
Arroios	6	3	—	3	6
Desp. Beja	6	3	—	3	6
Coruchense	6	2	2	2	6
F. C. Serpa	6	3	—	3	6
Juventude	6	1	3	2	5
Montemor	6	2	1	3	5
Almada	6	1	1	4	3
Estoril	6	1	1	4	3
Portalegrense	6	—	2	4	2

JOGOS PARA DOMINGO

Atlético - Serpa; Beja-Portalegrense; Coruchense-Almada; Juventude-PORTIMONENSE; FARENSE-Estoril; União de Montemor-Arroios; e Montijo - OLHANENSE.

J. G.

VENDE-SE

Um prédio, situado na Rua de Portugal, 27, pertencente a herdeiros de António Fernandes.

A. S. Pontes

Visado pela Comis. Censara